



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
(UNIRIO)

CALEBE SANTOS FEU DE ABREU

OBSERVAÇÃO PEDAGÓGICA EM PRÁTICAS DE BANDAS MARCIAIS E
FANFARRAS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO
2022



CALEBE SANTOS FEU DE ABREU

**Observação pedagógica em práticas de bandas marciais e fanfarras no
Estado do Rio de Janeiro**

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado ao Instituto da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro, para a
conclusão da graduação de Licenciatura em
Música da UNIRIO.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Barrenechea.

Rio de Janeiro, 2022

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

S162 Santos Feu de Abreu, Calebe
Observação pedagógica em práticas de Bandas
marciais e fanfarras no Estado do Rio de Janeiro. /
Calebe Santos Feu de Abreu. -- Rio de Janeiro, 2022.
28

Orientador: Sérgio Barrenechea.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
Graduação em Música - Licenciatura, 2022.

1. Banda Marcial. 2. Banda Fanfarras. 3. Prática
de conjunto. 4. Vivência musical. I. Barrenechea,
Sérgio, orient. II. Título.

“OBSERVAÇÃO PEDAGÓGICA EM PRÁTICAS DE BANDAS MARCIAIS E FANFARRAS
NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO”

por

CALEBE SANTOS FEU DE ABREU

BANCA EXAMINADORA

Sérgio Azra Barrenechea

Professor Sérgio Barrenechea (orientador)

José Nunes Fernandes

Professor José Nunes Fernandes

Silvia Garcia Sobreira

Professora Silvia Sobreira

9,0 (nove)

Nota: _____

JULHO DE 2022



AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus por seu amor, graça infinita e por ter me sustentado até aqui.

À minha Família, que sempre me suportou em toda a minha jornada estudantil, acadêmica e em minha carreira profissional.

À minha esposa Natália Costal por todo apoio de sempre.

A todos os meus colegas da turma 2017.2, em especial ao Dayvid Lucas, Pablo Lucas e Lucas Souza, que, além de dividirem comigo todos os desafios da vida acadêmica, tornaram-se meus grandes amigos.

A todo o corpo docente do IVL, que me proporcionou vivências e possibilidades acadêmicas incríveis. Estou terminando a graduação feliz e convicto que pude desenvolver e aprender com professores extraordinários.

Ao meu orientador Sérgio Barrenechea por todo apoio.

Aos maestros entrevistados por contribuírem com esta pesquisa, em especial ao presidente da FFABERJ Tiago Farias pelo grande e sério trabalho à frente da federação, trazendo esperança em um futuro promissor para o movimento de bandas e fanfarras no Rio de Janeiro.

A todos os colegas de bandas e fanfarras presentes no estado do Rio de Janeiro, que contribuem diretamente para a continuação desta prática tão forte e importante em nosso estado, em especial aos amigos que participaram Banda Marcial Mercúrio de 2008 a 2013 onde iniciei meus estudos na música, culminando hoje nesta pesquisa.

ABREU, Calebe Santos Feu de. **Observação pedagógica em práticas de bandas marciais e fanfarras no Estado do Rio de Janeiro**. UNIRIO, 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a observação sobre as práticas pedagógicas existentes nas bandas e fanfarras no Estado do Rio de Janeiro. Partindo de uma vivência pessoal do pesquisador, tem como objetivo principal estudar os processos de ensino e aprendizagem existentes nessa oficina, assim como entender como são organizadas e como funcionam todas as atividades presentes em sua performance, buscando compreender os desafios e dificuldades da educação musical numa prática de conjunto tão ativa em escolas do Rio de Janeiro. Para atender a esse objetivo, foram realizados os seguintes procedimentos: revisão de literatura, entrevista com três maestros de bandas escolares e com o presidente da federação de bandas e fanfarras do estado do Rio de Janeiro, através de reunião *online*, o que permitiu obter fatos e ocorrências presentes nesta oficina, assim como compreender suas ideias e visões sobre o assunto. A pesquisa sobre o tema contribuiu para compreensão dos processos educativos nas bandas, que exige do professor, maestro, mestre de banda, ou como queiram ser chamados, conhecimentos além da educação musical. Este estudo aponta para a necessidade de maior conhecimento, por parte dos maestros de bandas, das dimensões do conhecimento artístico de forma imersiva e adequada.

Palavras-chave: Banda marcial. Banda fanfarra. Educação musical. Prática de conjunto.

SUMÁRIO

1	CONTEXTUALIZANDO A OFICINA DE BANDA MARCIAL E FANFARRA	8
1.1	Definindo o que é Banda Fanfarra e Marcial	8
1.2	A FFABERJ	9
1.3	Banda fanfarra e suas práticas performáticas	14
2	A BANDA COMO ATIVIDADE SOCIAL E PRÁTICA DE ENSINO	16
2.1	Uma breve contextualização dos maestros entrevistados	16
2.2	O ensino de Música através da prática de Banda	17
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
4	REFERÊNCIAS	26

1 Contextualizando a oficina de Banda Marcial e Fanfarra

A banda fanfarra e marcial são práticas muito presentes em escolas no estado do Rio de Janeiro, muitas vezes a única presença de ensino, aprendizagem e vivência musical tanto em instituições públicas como privadas. Para um melhor entendimento da pesquisa, precisamos entender o que é, no que consiste e a realidade da banda fanfarra e marcial.

1.1 Definindo o que é Banda Fanfarra e Marcial

Banda é um conjunto musical no qual há uma diversidade de músicos e instrumentos em sua composição. No DICIONÁRIO MUSICAL BRASILEIRO, consta: “Banda 1. Conjunto de instrumento de sopro acompanhado de percussão” (ANDRADE 1989, p. 44), porém este termo é muito abrangente, pois já é dito no Dicionário de Música GROVE, “‘Banda’ também denota um grupo particular de instrumentos, tal como a banda de sopros, banda de acordeão, banda de marimba, etc.” (SADIE, 1994, p. 106). Com isso, a banda pode, para alguns, se referir a qualquer conjunto musical e para outros um grupo com uma constituição definida.

Para entendermos o que é banda fanfarra e marcial utilizarei como referência a FFABERJ (Federação de Fanfarras e Bandas do Rio de Janeiro), que além de categorizar algumas formações musicais, promove eventos em que corporações musicais competem entre si. No regulamento dessa organização, no capítulo VII, artigo 12, explicita detalhadamente cada categoria de banda e sobre a banda fanfarra é apontado o uso dos seguintes instrumentos:

a) instrumentos melódicos: cornetas, trombones, bombardinos, souzafones e cornetões lisos de qualquer tonalidade, sem utilização de recursos como gatilho ou vara; sendo obrigatório a utilização de pelo menos 02 (dois) tipos destes instrumentos distintos; b) instrumentos de percussão: bombos, linha de surdos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenores, liras e instrumentos de percussão sem altura definida; sendo obrigatória a utilização de pelo menos 03 (três) tipos destes instrumentos distintos; c) instrumento facultativo: trompa natural.

Já sobre a banda marcial, este mesmo documento informa que seus instrumentos são:

a) instrumentos melódicos: família dos trompetes, família dos trombones, família das tubas e saxhorn, e instrumentos de sopro das categorias anteriores sendo obrigatória a utilização de pelo menos 02 (dois) representantes de duas famílias instrumentais; b) instrumentos de percussão: bombos, bombos sinfônicos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenors, instrumentos de percussão sem altura definida, tímpanos, marimbas, campanas tubulares, glockenspiel, família dos vibrafones, família dos xilofones, liras, sendo obrigatória a utilização de pelo menos 04 (quatro) tipos destes instrumentos distintos; c) instrumentos facultativos: trompas.

Mesmo havendo essa separação entre banda fanfarra e banda marcial por parte da instituição, popularmente os dois são conhecidos pelo mesmo nome, talvez por usarem instrumentos com a mesma sonoridade, mudando apenas a mecânica. Por exemplo, na banda marcial é utilizada toda a família dos metais presentes em uma orquestra, já na fanfarra são estes mesmos instrumentos, porém sem pistos, rotores ou gatilhos, como os trombones. Tomando como base essas informações, conduzirei a minha pesquisa, não diferenciando uma formação da outra.

1.2 A FFABERJ (Federação de Fanfarras e Bandas do Estado do Rio de Janeiro)

A FFABERJ é uma instituição fundada em 1994, que busca representar as corporações musicais no estado do Rio de Janeiro. A CNBF (Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras) foi fundada em 1995 com participação da FFABERJ, já que para a criação de uma confederação nacional era importante a existência de cinco federações estaduais. Tiago Farias, presidente desta instituição em exercício desde o ano de 2018 diz que:

O objetivo dela (FFABERJ) é congregar as bandas e fanfarras, estimular o desenvolvimento de novas corporações musicais, buscar aprimoramento técnico e realizar a coordenação e participação de

eventos, festivais, campeonatos de bandas e fanfarras, workshop, entre outros. (Tiago Farias, entrevista em 03/08/2021).

A instituição busca também visibilidade e crédito para esta prática e para a organização, buscando representatividade junto ao poder público e regularizações perante a justiça. Exemplo disso, é que a instituição havia o nome do primeiro presidente no CNPJ desde o ano de 1994, e no início do ano de 2019 regularizou sua situação fiscal e administrativa, causando com isso uma aproximação e tratativas com o poder público, tendo assim conseguido obter maior representatividade. No ano de 2021 conquistou, junto ao Estado do Rio de Janeiro, a criação da lei Nº 9215 em que consta:

GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Faço saber que a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica alterado o anexo da Lei nº 5.645, de 06 de janeiro de 2010, instituindo no calendário oficial do Estado do Rio de Janeiro o dia Estadual de Bandas e Fanfarras.

Parágrafo único. O dia Estadual de Bandas e Fanfarras, será realizado, anualmente, no dia 14 de agosto, dia da fundação da Federação da Fanfarras e Bandas do Estado do Rio de Janeiro.

Art. 2º O dia Estadual de Bandas e Fanfarras visa divulgar, conscientizar, resgatar e valorizar a memória musical das bandas e fanfarras do Estado.

Art. 3º Os órgãos da Administração Pública direta e indireta que tenham dentre suas atribuições o fomento de atividades culturais poderão realizar ações, inclusive conjuntamente, para comemorar o dia de que trata esta Lei, homenageando o movimento de bandas e fanfarras no Estado do Rio de Janeiro.

Parágrafo único. Os órgãos de que trata o caput deste artigo poderão manter mapeamento das bandas e fanfarras existentes no Estado do Rio de Janeiro.

Art. 4º O Anexo da Lei nº 5.645, de 06 de janeiro de 2010, passa a vigorar com a seguinte redação:

“ANEXO

CALENDÁRIO DATAS COMEMORATIVAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

JANEIRO

(...)

AGOSTO

(...)

14 DE AGOSTO - DIA ESTADUAL DE BANDAS E FANFARRAS.

(...)"

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

(Rio de Janeiro, 2021)

Com esta lei, a federação conquista uma grande representatividade não só para a instituição, mas para toda a prática de banda e fanfarra, pois na lei é reconhecida a data de fundação da instituição e valorizada a memória e fomentada a prática desta oficina, prestigiando todo o contexto de bandas e fanfarras. O empenho da FFABERJ procurando melhorias e fomento à prática de banda fanfarra, não param por aí, pesquisando onde há escolas com algum potencial para o exercício da oficina, buscando incentivo financeiro e representativo do Estado, como diz o presidente:

Nós fizemos um pedido para a Secretaria Estadual de Educação que se manifestasse sobre as escolas que têm banda em funcionamento, sobre as escolas que não têm bom funcionamento, mas possuem instrumentos musicais, pra gente saber qual é o potencial de atendimento e o que realmente atende hoje. Nós também estamos numa tratativa pra fazer uma lei que obrigue as escolas estaduais a manterem bandas no contraturno das suas aulas, ou seja, a criança que estuda de manhã deve participar da banda à tarde e vice-versa. Então a gente está avançando nesse sentido, mas também a gente está em conversa com a Secretaria de Estado de Cultura pra fazer um edital de compra de instrumentos pra doação as bandas e fanfarras do Estado e independentes, bandas de associações e bandas particulares de todas as formas e inclusive sendo possível, se tudo caminhar como a gente propôs, que bandas que não sejam regulamentadas por um CNPJ, que não estejam paradas por uma associação, mas por um CPF, que a gente sabe que existe isso, bandas independentes, que possam também receber esses instrumentos. (Tiago Farias, entrevista em 03/08/2021)

A Federação, então, busca junto ao poder público melhorias não só para bandas de escolas públicas, mas também bandas independentes e até mesmo de escolas particulares, visando tornar este movimento mais presente no estado do Rio de Janeiro. A instituição também promove *workshops* para diversas áreas de atuação que se relacionam com a prática de banda fanfarra, como regência, educação musical, educação instrumental, entre outros, fazendo com que os professores, maestros e alunos das bandas se aprimorem e se atualizem em suas funções dentro do seu próprio contexto.

A FFABERJ promove também concursos, um evento em que as bandas se apresentam e competem entre si, possibilitando a vivência tanto do público quanto dos participantes das corporações. Porém só participam deste concurso bandas filiadas à instituição, porém nem todas as bandas do estado do Rio de Janeiro são vinculadas à federação. Perguntado sobre quantas bandas estavam filiadas, o presidente respondeu que “no estado do Rio de Janeiro, hoje, nós temos 35 bandas filiadas, mas já foram muito mais, já passaram de 100.” (Tiago Farias, entrevista em 03/08/2021). Porém, dentro dessas trinta e cinco bandas, estão bandas de diversas categorias, como bandas de percussão e não apenas bandas fanfarras e marciais. Perguntado apenas sobre as bandas marciais e fanfarras o presidente disse:

Olha vou te falar dos últimos cinco anos, porque houve uma flutuação aí, [...] em torno de dez bandas marciais, se não estiver me esquecendo de alguém, federadas, fanfarra aí há um número bem menor, [...] podendo chegar a sete, isso se eu não estiver esquecendo de alguém, bom, é isso, entre dez bandas marciais e sete fanfarras. (Tiago Farias, entrevista em 03/08/2021).

Ou seja, filiadas à FFABERJ nos últimos 5 anos estão entre 17 bandas marciais e fanfarras no estado do Rio de Janeiro. Porém, um dado importante foi citado pelo presidente, quando afirma que só na Cidade de Campos dos Goytacazes “chegou a ter quase 100 fanfarras durante um período dos anos 2000” (Tiago Farias, entrevista em 03/08/2021). Outro dado e ação importante é que a FFABERJ fez um levantamento, já que busca um edital junto ao poder público para saber quantas bandas existem no Estado do Rio de Janeiro.

[...] a gente fez o mapeamento agora no mês passado, por conta desse edital que a gente está tentando fazer com a Secretaria de Estado de Cultura, e nós identificamos 248 bandas no estado do Rio de Janeiro. Mas eu creio que esse número seja ainda maior, à medida que a gente fez um mapeamento muito rápido, corrido, para dar um número pra secretaria, um número que fosse verdadeiro também, lógico que a gente sabe que não, talvez não tenha encontrado tudo, mas a gente não ia dar um número artificial sem ter certeza. O que a gente deu de número nós temos certeza, de que realmente existe, podendo ser mais, e identificamos 248 bandas no Estado. (Tiago Farias, entrevista em 03/08/2021).

Esses dados mostram o quanto esta prática está presente no estado do Rio de Janeiro, provando que merece atenção não só do governo Estadual, mas também de instituições de ensino, pois esses dados e esta prática muitas vezes são

despercebidos e desconhecidos na academia. E a FFABERJ está buscando cumprir o seu papel que é representar, congregar e estimular essa atividade, e pretendo, por meio desta pesquisa, também representar e proporcionar mais visibilidade também no meio acadêmico, pois, em minha vivência na Universidade, não ocorreu nenhuma menção e esta oficina tão presente no estado do Rio de Janeiro.

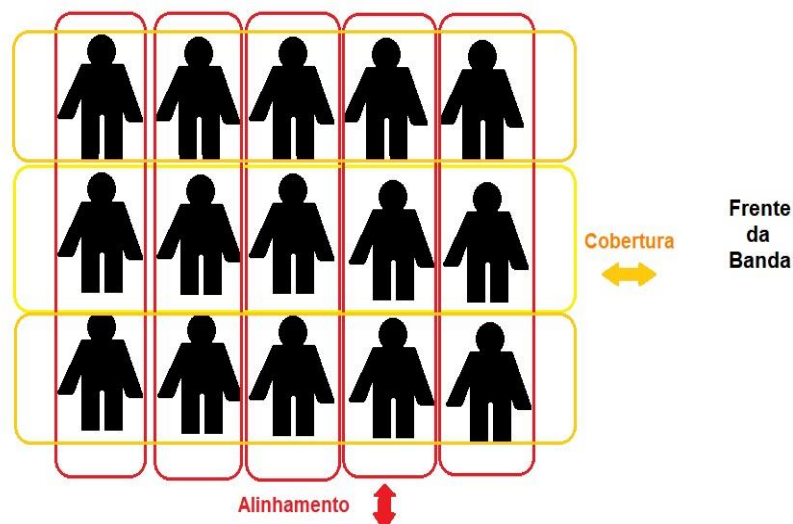
1.3 Banda fanfarra e suas práticas performáticas

Nesta pesquisa pude conversar com 3 professores e maestros de bandas do Rio de Janeiro, buscando entender como é o seu contexto e suas práticas. Todas as bandas participantes desta pesquisa estão ou estiveram vinculadas de algum modo com uma escola, utilizando o espaço físico para ensaios, aulas de teoria musical, prática de ordem unida e marcha, essas bandas são Apollo XII, Halley, FANFADUQUE e CIOB. Neste tópico busco expor os resultados de observações sobre as práticas e o processo de ensino-aprendizagem presentes nas bandas.

Assim como qualquer prática musical, as bandas fanfarras têm suas particularidades, diferenciando-se de práticas instrumentais como a orquestra e até mesmo a banda sinfônica. Por exemplo, na banda fanfarra há comumente a presença de marcha em suas apresentações, e isso é uma característica enraizada nesta oficina; o termo banda marcial já indica esta atividade.

Em concursos realizados pela FFABERJ, há uma ordem cronológica de atividades utilizadas nas apresentações das bandas, e essas atividades fazem parte do dia a dia das corporações, tantos em ensaios ou em algumas apresentações como desfile cívico.

Primeiro abordaremos sobre a ordem unida e marcha. Antes de iniciar a marcha, a banda busca ter um alinhamento e cobertura bem definido. O alinhamento é quando cada integrante da corporação busca fazer uma fileira lateral com outro integrante de forma que fiquem alinhados; a cobertura é quando cada integrante busca fazer uma fila frontal alinhada. Assim, o integrante tem que estar alinhado com seus companheiros das suas laterais e com seus companheiros que estão a frente, como mostra a figura abaixo.



Junto com isso ainda, os músicos devem ter uma mesma postura, o que é conhecido no meio como garbo, buscando sempre um aspecto imponente, confiante e altivo. Se um instrumento estiver abaixado, na altura da cintura por exemplo, todos os integrantes devem estar com esta mesma postura.

Com o alinhamento, cobertura e garbo ajustados, a banda inicia uma música de caráter popular ou marcial, mais conhecido como dobrados, e inicia a marcha. No deslocamento, a banda busca manter o seu alinhamento, cobertura e garbo ajustados e os pés sempre marchando em uniformidade. Ou seja, todos se movimentando com o passo no mesmo pé. Esta primeira parte, onde há a marcha e a ordem unida é chamada de entrada, justamente por ser o início da apresentação da banda, quando ela já envolve o público com sua proposta musical.

Em concursos, as bandas executam duas peças (músicas) onde elas ficam paradas logo após a entrada. Em outras apresentações, como no desfile cívico, a banda não tem um número de músicas como via de regra, uma vez que, em dado momento, a banda para na margem da pista, deixando o caminho para os demais alunos desfilarem. Sobre essas duas peças executadas em concursos, geralmente é de caráter erudito ou popular, tirando de cena as músicas de marcha. Nesta parte do concurso, a banda é avaliada em questões técnicas e interpretativas. Um detalhe importante é que entre essas duas peças, uma deve ser uma música brasileira, não necessariamente popular, mas que seja composta por um autor brasileiro, sobre isso, o presidente da FFABERJ explica:

[...] hoje a gente conseguir um avanço no regulamento que é a obrigatoriedade de execução de uma música de autor brasileiro, então isso é um avanço no sentido de valorizar o compositor brasileiro, valorizar a música brasileira, tanto músicas de autores que já morreram ou autores contemporâneos, mas também de provocar de incentivar novos compositores a escreverem. (Tiago Farias, entrevista em 03/08/2021)

Após a performance das duas peças a banda tem o momento da saída, quando, assim como na entrada, tem o repertório de caráter popular ou marcial, podendo repetir a música da entrada. Neste momento, são respeitadas as mesmas peculiaridades da entrada, como alinhamento, cobertura e garbo; depois disto a banda encerra sua performance no concurso.

Vale destacar que o concurso geralmente é realizado em ruas ou quadras esportivas, onde a banda consegue executar todas essas atividades. Explico também o destaque que dou aos concursos, pois é tomando como base as atividades realizadas nesse evento que as bandas programam seus ensaios e encontros. Não é via de regra que todas as apresentações de uma banda fanfarra, sejam exatamente com essas atividades, pois poderão haver concertos, onde eles se apresentem sentados como uma banda sinfônica, por exemplo. Isso não quer dizer que as bandas façam tais atividades apenas por causa do concurso, porém, o concurso por fazer parte do contexto de bandas fanfarras e marciais, porém o concurso ajuda a nortear o entendimento das atividades presentes nesta oficina.

Durante esta pesquisa, foi percebido algumas atividades e algumas funções que vão além da música. Uma dessas atividades é o corpo coreográfico, que acompanha a banda em toda a apresentação. Esta atividade se realiza através de uma coreografia aplicada à marcialidade, utilizando bandeiras, bastões, entre outros, sempre baseando sua performance na música em que a banda está executando. Outra atividade é a do regente-mor. Esta atividade é uma função dentro da corporação musical, no qual o seu objetivo é conduzir a banda em sua marcha, dando comandos como seguir em frente ou parar. Há também a atividade das balizas, em que uma pessoa se apresenta com coreografias tendo como referência técnicas do *ballet* e da ginástica artística, e, assim como o corpo coreográfico, sempre baseia sua performance na música em que a banda está executando.

2 A banda como atividade Social e prática de ensino

2.1 Uma breve contextualização dos maestros entrevistados

Durante as entrevistas, observou-se que as quatro bandas tinham algum vínculo com uma escola, sendo que ou a banda pertencia a escola ou usava sua estrutura para ensaios ou aulas. Por exemplo, a banda FANFADUQUE, que teve início nos anos de 1980 em um colégio muito tradicional em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, chamado São Félix, que por volta de 1993 encerrou as suas atividades. Mesmo o colégio tendo sido fechado, a banda decidiu continuar as atividades, porém, encontrou dificuldades em relação a espaços para ensaios e reuniões. Então uma família que participava da banda cedeu o espaço de sua casa para a continuidade dessa prática.

[...] partir dali *startou* a ideia, olha só, era a fanfarra do Colégio São Félix, então agora não vai ser mais fanfarra do colégio São Félix, a gente precisa criar algo que, tipo assim, fique eterno, que fique pra sempre, então o que fica legal? FANFADUQUE, Fanfarra de Duque de Caxias que dava para, como é muito difícil você ter um espaço, né? Uma fanfarra independente ter uma sede própria, que é algo mais difícil, ela podia se alocar em qualquer escola. (Alex Tavares, entrevista em 06/08/2021)

Em 1994, a banda FANFADUQUE inicia com este novo nome; a partir de então a banda passou por três escolas na cidade de Duque de Caxias, até 2010, ano em que a banda regularizou seu CNPJ se tornando uma associação, possibilitando uma parceria com a FUNDEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica, Ciência, Tecnologia, Esporte, Lazer, Cultura e Políticas Sociais de Duque de Caxias), criando assim a primeira escola de música Pública na cidade de Duque de Caxias. Este fato é de extrema importância para esta pesquisa, pois em primeiro lugar, mostra a quantidade de espaços onde uma banda pôde estar passando e ensinando música, e em segundo, mostra a força e representatividade que este projeto conquistou não só para esta banda, mas para toda esta oficina de bandas e fanfarras.

As outras três bandas, por outro lado, já são bandas que pertencem e são mantidas por uma escola. São elas a Apollo 12, uma banda marcial de Santa Cruz, zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, que a banda leva o mesmo nome da escola; a banda marcial CIOB (Centro de Integração Objetivo), localizada em Duque de

Caxias, Baixada Fluminense; e a banda marcial Halley, que também tem o mesmo nome da escola a qual pertence, localizada em Paciência Zona Oeste do Rio de Janeiro.

2.2 O ensino de Música através da prática de Banda

A oficina de banda, muitas vezes, ocupa um lugar na escola que deveria ser realizado pelo ensino de música como disciplina. Sobre isso, Campos (2008, p.103) destaca que as práticas de banda “constituem elementos importantes na forma escolar e podem ser analisadas como derivações do ensino de música na escola”. Perguntados sobre as aulas de música na escola onde a prática de banda era realizada, todos os professores afirmaram que não havia aula de música além da banda, sendo a banda então, o único meio em que os alunos podiam estudar e praticar música.

Outro dado importante é que em todas essas bandas não têm apenas alunos da escola, mas alunos que estão na comunidade onde a instituição se encontra, fazendo com que a vivência musical transpasse a escola. Muitas vezes, sendo a primeira ou única possibilidade em que o aluno poderá aprender e praticar música, a banda, quando atende também a comunidade, ultrapassa o âmbito de ensino escolar formal e começa a se tornar uma relevante influência social.

O fator social é de suma importância se for considerada a falta de oportunidade que determinados alunos, especialmente de escolas públicas, possuem fora do ambiente escolar. Em sua maioria, os alunos vêm de uma família que não tem condições de comprar um instrumento ou de investir financeiramente em aulas de música. (CAMPOS, 2008, p. 107).

As bandas estudadas para esse TCC confirmam a citação anterior, pois três das quatro bandas pesquisadas ensaiam em escolas particulares, mas agregam jovens que não estudam nelas. Isso possibilita maior diversidade social e cria um rico somatório de experiências. Além disso, a banda se apresenta bastante fora da escola, o que permite maior interação com a sociedade.

A forma escolar “marca”, de certa forma, o terreno interno e externo à escola. As atividades ligadas à música, por exemplo, podem contribuir para o reforço dos limites entre o “mundo da escola” e o “mundo fora da escola”. Enquanto a escola se ocupa com um repertório voltado para as tarefas, para as datas comemorativas e para eventos festivos, fora dela, se aprendem canções das mais diversas. (CAMPOS, 2008, p. 104).

Durante minha pesquisa com os professores entrevistados, pude observar que a maioria dos alunos entra na banda sem conhecimento teórico musical e sem prática de instrumentos. Então a banda é a primeira possibilidade de vivência e prática musical de muitas pessoas, como diz o maestro Alex: a grande maioria chega do “zero”, é meio que primeiro contato através da banda fanfarra. Alguns que não chegam do “zero” é porque vieram de outra fanfarra. (Alex Tavares, entrevista em 06/08/2021).

A escolha do instrumento que o aluno vai tocar é um problema, pois nem sempre o instrumento escolhido está disponível no momento, o que impede os estudos diários do aluno. Então, por vezes, pode acontecer de o aluno iniciar seus estudos em um instrumento que ele não pensou aprender para, futuramente, caso tenha a possibilidade, ele aprender o instrumento que ele queria num primeiro momento, como relata o maestro Wallace:

A prioridade é eles escolherem o que querem, todos que fazem inscrição vem em um dia, por exemplo numa terça-feira, que vai começar e eles não sabem o que vai acontecer. É igual a recruta no quartel, a gente nunca sabe o que vai acontecer. Eles vão lá, vão ver a banda tocar no primeiro dia, veem as atividades normais e eu pergunto, nesse primeiro dia: “Se familiarizou com o instrumento? tem algo que vocês queiram fazer?” Eu acho que o aluno tem que fazer o que gosta, o que está no gosto dele, botar uma tuba na mão de uma menina que não quer saber de tuba, com certeza ela não vai passar de um mês, aí dentro das possibilidades de vaga, a gente vai atendendo aquela necessidade do gosto deles. Aí eu vou mostrando para eles, a gente tem mais vaga no trombone, tem mais vaga no trompete, tem duas vagas ali. Aí a gente vai tentando remanejar. (Wallace da Silva, entrevista em 18/08/2021).

Esta observação mostra um ponto positivo e outro negativo, o negativo é que o aluno pode se frustrar por não ter vagas ou possibilidades dele aprender um instrumento que ele gostou. Por outro lado, a banda consegue manter um equilíbrio em sua formação, já que há instrumentos mais conhecidos e populares que outros. E caso todos escolhessem o mesmo instrumento, isso acarretaria numa sobreposição de um naipe, causando um exagero em sua sonoridade e equalização.

Uma característica muito comum nesse movimento de bandas e fanfarras é a estrutura de ensino. Já que a maioria dos alunos ingressa na banda sem prática e com pouco conhecimento musical, realiza-se nas aulas introdutórias o que os entrevistados chamam de inicialização musical que, na verdade, é o ensino de teoria musical e o primeiro conhecimento do instrumento. Ou seja, não é de fato inicialização musical, mas sim uma introdução à prática da técnica instrumental e partitura. Na Apollo XII, acontece o seguinte:

O aluno entra do “zero”, ele não precisa saber tocar o instrumento e ele passa por uma turma para uma bateria de aulas teóricas. Ele precisa fazer um curso que a gente oferece começando em março é um curso muito rápido, mas é muito intenso também. Ele é um curso de teoria musical de iniciação elementar de música que começa em março e termina no final de julho para começo de agosto, basicamente cinco meses. E cada mês tem uma avaliação, uma prova de ditado musical, leitura à primeira vista, que é a parte teórica. Quanto à parte prática a gente não faz avaliação nenhuma, essa avaliação é cotidiana, porque a prática instrumental é de médio e longo prazo e ela é constante. Então a gente não vai avaliar, mas o estudo da teoria musical que você não precisa nem saber música qualquer um pode fazer. (Wallace da Silva, entrevista em 18/08/2021).

Essa última fala do regente entrevistado mostra uma separação entre saber musical, do aprendizado teórico. Eu considero que o ensino da escrita e leitura de partitura é um saber musical, no qual, sua aprendizagem e execução está associada à outros aspectos da música como a pulsação, por exemplo. Já na FANFADUQUE:

[...] desde 2003 ela começou a mudar sua categoria técnica, porque antes ela era só fanfarras, usava só cornetas e cornetões e não havia o ensino de música, tinha o ensino de música, mas de uma forma, como posso dizer agora? Autodidata! Então era feito por memorização, o instrutor geralmente passava uma parte e o aluno ia copiando. No ano de 2003, ela começou a mudar a categoria técnica, então a gente começou a investir em aula de música, trazendo professores. Na época, o fundador da banda investiu em um instrutor de sopro, fazia curso na Villa Lobos e em outras escolas de música. Então começamos a mudar ali a estrutura de ensino, e como era organizado? Os ensaios eram terça, quinta e sábado, e separava ali uma hora de ensino de música, trinta minutos de ordem unida e depois ensaio prático com a banda, isso terça e quinta, aos sábados era só aula prática. (Alex Tavares, entrevista em 06/08/2021).

Percebe-se que o regente, na citação anterior, denomina “ensino de música” o ensino da teoria. Ou seja, diferentemente do regente Wallace, Alex considera o ensino da teoria como ensino de música. Observa-se, então, uma similaridade na estrutura

de ensino, em que o aluno é inserido ao aprendizado teórico e prático musical, no qual, de início existe uma ênfase maior na teoria e aos poucos vai sendo trabalhada a prática e exercícios instrumentais. Porém, percebeu-se que, em relação ao conteúdo, havia um problema, pois alguns aspectos e práticas fundamentais no aprendizado de música são desprestigiados, inclusive conteúdos presentes na Base Nacional Curricular Comum, como o exercício e processo de criação. Quando os professores foram perguntados se, em suas bandas, havia atividades que trabalhassem a criatividade, dos três, apenas um respondeu positivamente. Este fato também é apontado por Campos (2008, p. 110):

Sobre a educação musical desenvolvida pelas bandas e fanfarras, constata-se que o conhecimento dos elementos musicais, a criatividade e a percepção auditiva não são devidamente explorados. (CAMPOS, 2008, p. 110)

Essa observação pode se dar por alguns motivos percebidos durante a pesquisa, como, por exemplo, a falta de formação dos professores, dos maestros entrevistados. Dois são formados em licenciatura em música e um apenas em cursos livres, porém, os que concluíram a graduação relataram iniciar a vida acadêmica depois de já atuarem como maestros e professores nestas bandas, um inclusive, iniciando sua carreira aos 14 anos. O presidente da FFABERJ aponta um clico histórico que pode ocasionar neste fator.

[..]Mestres de banda que vivem a vida inteira dessa forma (sem vida acadêmica) estão dentro de um contexto que eles não enxergam a importância de fazer esse diálogo com o conhecimento acadêmico e que isso melhora o trabalho dele, isso se retroalimenta e faz com que exista uma ruptura, um distanciamento. Outros até querem estar na academia, mas também eles não são preparados minimamente para ingressar. [...] tem muita gente que tem boa vontade que tem um trabalho até muitas vezes de relevância, mas não é dentro de um contexto profissional e de formação adequada. (Tiago Farias, entrevista em 03/08/2021)

Observou-se também uma estrutura muito presente na organização pedagógica das bandas participantes, onde há alunos mais velhos que assumem o papel de instrutor na banda, ensinando e praticando todas as atividades com os demais alunos, desde a marcha à prática instrumental.

Geralmente as bandas de música funcionam assim: o maestro, o regente, geralmente ele está ali, ele sabe, mas depois ele começa a criar um canal com o instrutor de percussão, de trompete e tudo mais, e eles vão passando aquilo pra frente com os alunos, aí funciona assim, como uma pirâmide, um passando para o outro, até chegar no contexto geral (Alex Tavares, entrevista em 06/08/2021)

Esse acontecimento é apontado em outra pesquisa:

[...] uma característica que é constante nas bandas de música, a qual um ou mais participantes com relativo tempo de experiência no grupo e maior habilidade na execução dos instrumentos, passa a auxiliar os demais participantes [...] (SAITO, 2013, p.380)

Todos os entrevistados, nesta pesquisa, afirmaram existir esse fato em suas oficinas. Com isso, o maestro divide sua responsabilidade de lecionar com instrutores que não possuem formação acadêmica, mas no máximo possuem passagens por cursos livres. E isso pode estar ligado à falta de um ensino de música mais amplo e aprofundado. Contudo, esse fator implica também em um ambiente de troca em que um aluno que sabe um pouco mais ajuda o que sabe menos, quebrando a hierarquia muito rígida da escola formal. Podemos observar esse tipo de participação em rodas de capoeira e outras manifestações da cultura popular, por exemplo.

Observou-se, também, que a prática do repertório tem grande destaque no tempo útil da banda. Por exemplo, a oficina na FANFADUQUE é organizada da seguinte maneira:

Os ensaios eram terça, quinta e sábado, e separava ali uma hora de ensino de música, trinta minutos de ordem unida e depois ensaio prático com a banda, isso terça e quinta, aos sábados era só aula prática. (Alex Tavares, entrevista em 06/08/2021)

E sobre os conteúdos trabalhados nessas aulas de música, é dito que “O conteúdo geralmente era inicialização musical, que a gente chama de alfabetização musical, conhecer notas, o pentagrama, leitura rítmica, leitura de nota, solfejo.” (Alex Tavares, entrevista em 06/08/2021). Com isso, nota-se um ensino musical baseado na escrita e leitura convencional, direcionando o aluno a uma boa performance no repertório e ensaio, desprestigiando outras dimensões do conhecimento como criação e reflexão, por exemplo. Tal atitude recebe crítica:

Apesar de a execução instrumental constituir atividade principal, a urgência no domínio de um repertório específico redundava em uma

falta de sistematização de ensino musical, ocasionando em um envolvimento quase exclusivo com as apresentações públicas. Parece mesmo que os objetivos e as funções das corporações se direcionam, predominantemente, na execução instrumental, fazendo com que os ensaios girem em torno da preparação do repertório – o que acarreta em grandes lacunas no que se refere a uma educação musical mais ampla e a um aprendizado instrumental mais adequado. (CAMPOS, 2008, p. 110)

Concordo com esta opinião da autora, pois tendo iniciado meus estudos em música numa banda, só pude ter o aprendizado com o estudo de percepção musical na Escola de Música Villa-Lobos. Contudo, o elemento da criatividade só passou a fazer parte das minhas experiências como estudante quando ingressei na UNIRIO. A questão da criatividade é um problema que existe em outros tipos de ensino além de bandas, por ser um modo de ensinar música muito ligado ao modelo de ensino tradicional. Por outro lado, na Escola de Música Villa-Lobos ampliei meu repertório, mas não tive a oportunidade de me apresentar em público, o que ocorria constantemente quando participava de uma banda fanfarra.

3 Considerações Finais

Nota-se que o movimento de bandas e fanfarras é uma prática que ocupa um espaço significativo na educação musical no Estado do Rio de Janeiro. Atuando como principal ou até mesmo único meio de ensino de música nas escolas públicas e privadas. Contudo, ainda há um longo caminho a ser traçado, buscando uma estruturação mais robusta e uma capacitação acadêmica mais sólida nos professores e mestres de bandas. Sobre isso, percebeu-se um movimento da FFABERJ, promovendo *workshops* e palestras, para minimizar ou até mesmo solucionar esse problema.

Eu vejo que muitos desses mestres de bandas ou como queiram ser chamados, eles não têm um conhecimento mínimo pra passar nessa prova (THE). [...] Então a gente está tentando fazer com que a federação faça esse meio de campo, que consiga conscientizar as pessoas e promover uma qualificação, uma condição mínima, porque a Federação também não tem um braço para exercer um papel de política pública, mas tem um papel de auxiliar essa política pública para que ela seja feita. (Tiago Farias, entrevista em 03/08/2021)

Isso traz uma esperança de melhoria na qualidade não só da educação musical, mas também na performance das bandas. Com isso, eu concordo com o presidente da FFABERJ quando ele afirma que:

[...] isso vai dar um retorno positivo para a qualidade das bandas e fanfarras. Engana-se quem acha que ir para a universidade ou até o mesmo curso técnico - não vamos nem na universidade, mas um curso básico, um curso técnico - não vá impactar na qualidade das bandas. E mais, se nós hoje tivéssemos a possibilidade de que todas as escolas tivessem música, a gente não teria material humano pra atender à demanda, a gente não teria profissionais para atender. (Tiago Farias, entrevista em 03/08/2021)

Faz-se muito necessário esta aproximação dos profissionais que estão atuando como mestres de bandas com o saber sistematizado. Essa cultura de ruptura ou distanciamento acadêmico por parte desses instrutores traz consequências danosas aos alunos, que deixam de vivenciar as dimensões do conhecimento artístico de forma imersiva e adequada. Arte, sobretudo, é vivenciar, experimentar, apreciar, entre outras coisas, não somente operar e executar.

Uma justificativa plausível para ações de fortalecimento da formação do mestre de banda consiste na necessidade de aumentar os caminhos para a implementação da música nas escolas, os aumentos à sala de aula. No ambiente da banda de música é possível desenvolver de forma lúdica a musicalização com o reconhecimento dos diferentes timbres instrumentais, a prática de tocar em grupo, a socialização, a habilidade de executar um instrumento musical, a apreciação dos diferentes gêneros e estilos, criatividade dos improvisos, entre outros. (ALVES DA SILVA; PINTO; SOUZA; 2019, p. 56).

Essa oficina proporciona ao aluno experiências de apresentações performática, fato que geralmente não ocorre em cursos de música e até mesmo no ensino básico formal. Esses concertos e desfiles proporcionam satisfação ao aluno, que pode demonstrar sua habilidade aos familiares e amigos, trazendo uma sensação de utilidade e pertencimento. “A banda é um espaço democrático, que proporciona imenso prazer e traz experiências que jamais são esquecidas pelos seus integrantes” (ALVES DA SILVA; PINTO; SOUZA; 2019, p. 56).

Por se caracterizar como uma oficina de prática de conjunto, as bandas e fanfarras causam ligações muito fortes entre seus participantes. Um fenômeno de pertencimento que muitas vezes tira pessoas de ambientes criminalizados, marginalizados, de *bulling*, para uma atmosfera em que o pensamento passa a ser

de um coletivo que busca um objetivo: soar e tocar bem, dar um *show*. Muitas vezes neste tipo de prática é muito usado o termo “família” para se referir à banda, principalmente quando algumas bandas utilizam gritos de guerra antes de suas apresentações.

Esse fato, é de uma importância social enorme, pois além de retirar pessoas que estão expostas à marginalidade, também alcança pessoas vulneráveis a transtornos como depressão, incluindo-as em uma comunidade. Eu mesmo carrego amizades fortes até o dia de hoje e os maestros entrevistados relatam o mesmo. A oficina vai além do ensino e prática de música, tem uma carga comunitária muito forte e todos que passam pela prática de banda fanfarra, carregam este orgulho consigo.

Eu sou o que sou por conta da fanfarra, se sou um homem responsável, se sou um homem de bem, se construí uma família, se hoje eu tenho um pensamento de que posso contribuir com a sociedade de uma forma melhor é graças ao meu contato com a fanfarra. Formei uma família lá, os meus amigos que são do meu elo de amizade são da fanfarra (Alex Tavares, entrevista em 06/08/2021)

Que esse orgulho, se demonstre numa melhor qualificação por parte dos profissionais envolvidos com bandas e fanfarras, e que se comprometam com uma educação mais adequada e abrangente. Que todos os mestres de banda estejam cientes e apropriados de sua responsabilidade não só como docentes, mas de seu papel social e comunitários. Viva as Bandas e Fanfarras!

4 Referências

ALVES DA SILVA, Lélío Eduardo (org.); PINTO, Marco Túlio de Paula; SOUZA, David Pereira de. *Manual do Mestre de Banda de Música*. Rio de Janeiro: Walprint, 2018. Disponível em < <http://www.faperj.br/?id=3506.3.8> >. Acesso em 20 de Dez. De 2021.

BARROS, Olga Renalli; PENNA, Maura. *Banda Fanfarra no Programa Mais Educação: analisando as práticas*. In: CONGRESSO NACIONAL DA PESQUISA ABEM. 2013, Pirenópolis. **Anais...** Pirenópolis, 2013. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM_2013_p.pdf Acesso em: 03 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> . Acesso em: 10 de jan. De 2022.

CAMPOS, Nilceia Protásio. *O Aspecto Pedagógico das Bandas e Fanfarras Escolares: O aprendizado musical e outros aprendizados*. **Revista da ABEM**, v. 16, n. 19, p. 103 – 111, 2008. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaABEM/index.php/revistaabem/issue/view/19> . Acesso em: 25 jan. 2021.

DE ANDRADE, Mário. *Dicionário musical brasileiro*. Ministério da Cultura, 1989.

FEDERAÇÃO DE FANFARRAS E BANDAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. FFABERJ, [s.d]. *Documentos, Regulamento Estadual*. Disponível em: <http://ffaberj.com.br/#> . Acesso em: 12 de maio 2021.

GROVE, George; SADIE, Stanley (Ed.). *The new Grove dictionary of music and musicians*. MacMillan Publishing Company, 1980.

RIO DE JANEIRO. *O Dia Estadual De Bandas e Fanfarras. Lei Nº 9215*. Disponível em: <https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/1182954594/lei-9215-18-marco-2021-rio-de-janeiro-rj> . Acesso em: 21 de nov. 2021.

SAITO, Sarita Cristina. *Oficina de Banda Fanfarra: Iniciação Musical e Socialização* /n: Conferência Internacional de Educação Musical de Sobral. 2013, Sobral. **Anais....** Sobral, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/45472> . Acesso em: 01 fev. 2021.